

## destaque

## Controlo Tradicional de Ruído versus Paisagens Sonoras

por Vítor Rosão

vitorrosao@schiu.com

Membro Individual n.º 86 da APAI

O interesse pelo tema das “Paisagens Sonoras” tem crescido significativamente nos últimos tempos entre a “Comunidade de Acústica Ambiental”, como se pode verificar, por exemplo, nos artigos “Brown, A. L. - Soundscape Planning as a Complement to Environmental Noise Control. Noise/News, Volume 23, Number 2, June, 2015” e “Rosão, Vítor; Antunes, Sónia; André, Rossana; Oliveira, Pedro - Reflexão sobre a introdução das “Paisagens Sonoras” na Avaliação de Impacte e no Planeamento Urbano. CNAI, Évora, 2016”.

Um exemplo de que os aspetos positivos do Som começam a ser de facto considerados é a “Estratégia de Ruído” de Westminster (<https://www.westminster.gov.uk/sites/default/files/uploads/workspace/assets/publications/Final-Westminster-Noise-Strategy-1269269299.pdf>), em que é definido como objetivo esclarecedor (tradução livre): “reduzir a poluição sonora e enaltecer os sons icónicos da cidade”.

No esquema seguinte ilustra-se a diferença entre o “Controlo Tradicional de Ruído” e as “Paisagens Sonoras”, através de um caso hipotético de uma Situação Atual (parte (1) do esquema) onde num Recetor Sensível (habitação) é percecionado e apreciado o som do Sino da Igreja.

Na Situação Futura (parte (2) do esquema) sob a influência do Ruído de Tráfego do Projeto Rodoviário alvo de Estudo de Impacte, prospetiva-se o aumento dos Níveis Sonoros para valores acima dos limites acústicos legais e o deixar de se ouvir o Sino da Igreja.

Com base no Controlo Tradicional de Ruído (parte (3) do esquema), seria normal a implantação de uma Barreira Acústica Tradicional em que ocorreria uma redução do Ruído de Tráfego Rodoviário, mas também a redução do Som do Sino da Igreja.

Admitindo que o Som do Sino da Igreja é importante e desejado pelos habitantes da habitação apresentada no esquema, seria desejável, com base na perspetiva das “Paisagens Sonoras”, a implantação de uma Barreira Acústica Inovadora - absolutamente possível de implantar no estado atual da Engenharia Acústica internacional e nacional - que reduzisse apenas o Ruído de Tráfego Rodoviário, mas deixasse percecionar, na habitação protegida, o Som do Sino da Igreja.

De uma forma simplificada pode-se dizer que, na perspetiva do denominado “Controlo Tradicional de Ruído”, a regra é: “Baixar! Baixar! Baixar!”, ou seja, “quanto mais baixos os Níveis de Intensidade Sonora melhor”. Na perspetiva das denominadas “Paisagens Sonoras” existem certos Sons que são valorizados pelas comunidades, pelo que a sua redução pode não corresponder na realidade a uma melhoria, mas sim - numa linguagem de Impactes Ambientais - a um Impacte Negativo Muito Significativo para essa comunidade.

Ninguém sabe ao certo se as “Paisagens Sonoras” vão ou não mudar os Estudos de Impacte Ambiental na componente Acústica, e, se sim, em que medida e quando é que isso vai ocorrer.

Para já podemos apenas indicar caminhos - com base em experiências nacionais e internacionais - de como tal poderá ser feito, para ajudar a preparar o futuro que desejamos. É isso que se vai tratar no curso “Paisagens Sonoras na Avaliação de Impactes” a realizar dia 7 de julho próximo.

Inscrevam-se! ●

